



# O Manual das Teorias da Conspiração

Stephan Lewandowsky  
John Cook

Escrito por:

Stephan Lewandowsky, Escola de Psicologia Experimental, Universidade de Bristol e Conselho Consultivo da Ciência e da Indústria (CSIRO) Oceanos e Atmosfera, Hobart, Tasmânia, Austrália [School of Experimental Psychology, University of Bristol, and CSIRO Oceans and Atmosphere]



John Cook, Centro para a Comunicação das Mudanças Climáticas, Universidade George Mason [Center for Climate Change Communication, George Mason University]



Publicado pela primeira vez em março de 2020.

Para mais informações, visite <http://sks.to/conspiracy>

Design gráfico: Wendy Cook

Tradução para Português: Dayane Machado, Minéya Fantim

Revisão: Aldo Fernandes, Claudia Groposo, Luciano Marquette

With thanks to the COST Action COMPACT (Comparative Analysis of Conspiracy Theories).



Citar como:

Lewandowsky, S., & Cook, J. (2020). *O Manual das Teorias da Conspiração*.

Disponível em <http://sks.to/conspiracy>

# Distinguindo conspirações reais de teorias da conspiração

Conspirações reais existem. A Volkswagen fraudou os testes de emissão de seus motores a diesel. A Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos espionou usuários de internet secretamente. A indústria do tabaco iludiu o público em relação aos efeitos prejudiciais do cigarro à saúde. Nós sabemos dessas conspirações por causa de documentos internos dessas indústrias, de investigações governamentais e de delatores.

Teorias da conspiração, por outro lado, tendem a persistir por um longo período, mesmo quando não possuem evidências conclusivas. Essas teorias se baseiam em uma série de padrões de pensamento conhecidos por serem ferramentas não confiáveis para acompanhar a realidade. Tipicamente, as teorias da conspiração não se baseiam em evidências que resistam ao escrutínio, mas isso não as impede de ganhar projeção. Por exemplo, a crença generalizada de que os ataques terroristas de 11 de setembro foram um "trabalho interno" persistiu por muitos anos.<sup>1</sup> Décadas depois do acontecimento, uma vasta maioria de americanos ainda acredita que o governo encobriu a verdade sobre o assassinato de John F. Kennedy.<sup>2</sup>

As teorias da conspiração prejudicam a sociedade de diferentes formas. A exposição a teorias diminui, por exemplo, a intenção das pessoas de se engajar na política ou de reduzir sua pegada de carbono.<sup>3</sup> Para minimizar esses danos, o *Manual das Teorias da Conspiração* te ajudará a entender por que essas teorias são tão populares e explicará como identificar os sinais do pensamento conspiratório, além de apresentar uma lista de estratégias efetivas de desmistificação.

Tipicamente, as teorias da conspiração não se baseiam em evidências que resistam ao escrutínio, mas isso não as impede de ganhar projeção.

## Pensamento Convencional vs. Pensamento Conspiratório

Conspirações reais existem, mas elas raramente são descobertas a partir dos métodos usados pelos teóricos da conspiração. Ao invés disso, conspirações reais são descobertas por meio do pensamento convencional — ceticismo saudável em relação às versões oficiais, considerando cuidadosamente as evidências disponíveis e comprometendo-se com a coerência das informações.<sup>4</sup> O pensamento conspiratório, por outro lado, se caracteriza por ser hipercético em relação a toda informação que não favoreça a teoria, por interpretar excessivamente as evidências que apoiem uma teoria preferida e pela incoerência.

Pensamento Convencional	Pensamento Conspiratório
Ceticismo saudável	Suspeita absoluta
Sensível a evidências	Imune a evidências
Busca a coerência	Contradição

↓ ↓

Conspiração real	Conspiração imaginada
------------------	-----------------------

# Por que as teorias da conspiração são populares?

Vários fatores podem contribuir para que as pessoas acreditem e compartilhem teorias da conspiração.<sup>5</sup>

*Pessoas que se sentem impotentes ou vulneráveis são mais propensas a defender e a espalhar teorias da conspiração.*

## Sentimento de impotência

Pessoas que se sentem impotentes ou vulneráveis são mais propensas a defender e a espalhar teorias da conspiração.<sup>6</sup> Esse fenômeno pode ser observado em fóruns online, onde o nível de ameaça percebido pelas pessoas é fortemente associado à proposição de teorias da conspiração.<sup>7</sup>

## Explicando eventos improváveis

Da mesma forma, as pessoas tendem a propor explicações conspiratórias para eventos altamente improváveis.<sup>10</sup> As teorias da conspiração funcionam como um mecanismo de enfrentamento para ajudar as pessoas a lidarem com a incerteza.

## Lidando com ameaças

As teorias da conspiração permitem que as pessoas lidem com eventos ameaçadores culpando um conjunto de atores.<sup>8</sup> As pessoas têm dificuldade de aceitar que "grandes" eventos (ex.: a morte da Princesa Diana) podem ter causas ordinárias (dirigir embriagado). Uma teoria da conspiração satisfaz a necessidade de que um "grande" evento tenha uma grande causa, tal como uma conspiração envolvendo o Serviço Secreto do Reino Unido (MI5) para assassinar a princesa Diana.<sup>9</sup>

## Contestando a política dominante

As teorias da conspiração frequentemente contestam interpretações políticas dominantes.<sup>11</sup> Grupos conspiratórios costumam usar tais narrativas para reivindicar a condição de minoria.

## As redes sociais ampliam o alcance das teorias da conspiração

As redes sociais criaram um mundo no qual qualquer um pode, potencialmente, alcançar tantas pessoas quanto a mídia tradicional.<sup>12</sup> A falta de moderadores tradicionais é uma das razões pela qual a desinformação online tem maior alcance e se espalha mais rápido do que as informações verdadeiras,<sup>13</sup> frequentemente impulsionada por contas falsas ou "bots".<sup>14</sup> Do mesmo modo, os consumidores de teorias da conspiração são mais propensos a "curtir" e a compartilhar publicações conspiratórias no Facebook.<sup>15</sup> Uma análise recente de tuítes sobre o Zika vírus mostrou que o número de disseminadores de teorias da conspiração era mais que o dobro do número de desmistificadores dessas teorias.<sup>16</sup>

# Como as teorias da conspiração causam danos

A mera exposição a uma teoria da conspiração pode ter consequências adversas inclusive entre as pessoas que não aderem à teoria da conspiração.<sup>3,17,18,19,20,21</sup> Para ilustrar, a exposição a uma teoria da conspiração a respeito da manipulação política de dados sobre o desemprego reduziu a confiança em instituições e em serviços governamentais, inclusive em órgãos que não foram associados às alegações conspiratórias, tais como escolas locais ou o próprio FDA (órgão federal norte-americano que regula produtos como remédios e alimentos).<sup>17</sup>

## Teorias da conspiração táticas

As teorias da conspiração nem sempre são o resultado de crenças genuinamente falsas. Elas podem ser construídas intencionalmente ou amplificadas por razões estratégicas e políticas. Por exemplo, há evidência de que o governo russo contribuiu recentemente para a disseminação de várias teorias da conspiração políticas no Ocidente.<sup>22,23</sup>

As teorias da conspiração podem ser utilizadas como uma ferramenta retórica para escapar de conclusões inconvenientes. A retórica da negação climática é repleta de incoerências, tais como as reivindicações simultâneas de que a temperatura não pode ser precisamente medida e de que as temperaturas globais diminuíram.<sup>24</sup> A incoerência é um atributo do pensamento conspiratório, mas isso não significa que a negação climática seja irracional—ao contrário, a retórica negacionista é uma estratégia política eficaz para adiar as ações climáticas, minando a percepção das pessoas sobre o peso das evidências científicas.

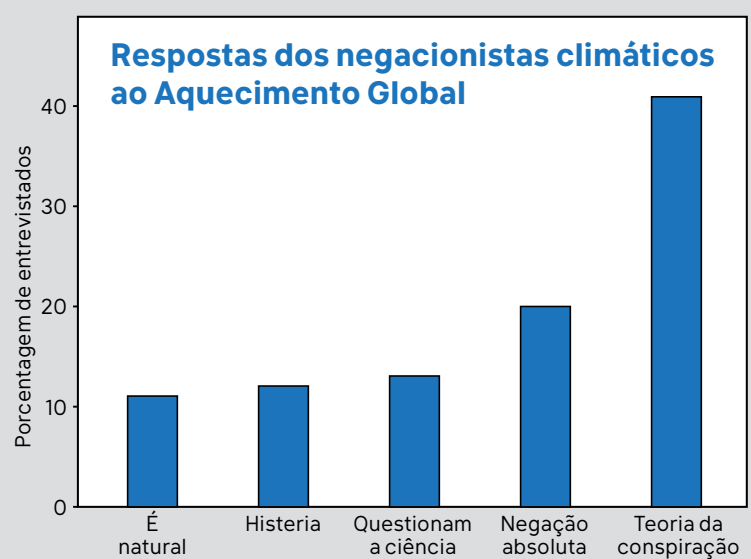
Nesse sentido, as pessoas podem recorrer a uma suposta conspiração entre pesquisadores para explicar os consensos científicos que não contribuem para as suas ideologias, mas não reagem da mesma forma quando o consenso científico é irrelevante para os seus posicionamentos políticos.<sup>25</sup>

“As teorias da conspiração podem ser utilizadas como uma ferramenta retórica para escapar de conclusões inconvenientes.”

## Negação climática e pensamento conspiratório

A rejeição ao consenso científico de que os humanos estão causando o aquecimento global é, frequentemente, resultado de um pensamento conspiratório e não de uma ponderação cuidadosa sobre as evidências científicas.<sup>26</sup>








Quando negacionistas climáticos são apresentados a informações sobre mudanças climáticas, suas reações mais comuns são de natureza conspiratória.<sup>27</sup> Apesar disso, o negacionismo climático não está associado apenas a teorias da conspiração de temática climática—em vez disso, pessoas que negam a ciência do clima são mais propensas a endossar teorias conspiratórias de outros tipos.<sup>28</sup>



Smith & Leiserowitz, 2012

# CONSPIR: Os sete sinais do pensamento conspiratório

Os sete sinais do pensamento conspiratório<sup>29</sup> podem ser abreviados (e mais facilmente lembrados) por meio do acrônimo **CONSPIR** (em inglês):

<b>C</b>	<b>O</b>	<b>N</b>	<b>S</b>	<b>P</b>	<b>I</b>	<b>R</b>
Contradictory	Overriding suspicion	Nefarious Intent	Something Must Be Wrong	Persecuted Victim	Immune to Evidence	Re-interpreting Randomness
						
Contradição	Suspeita absoluta	Intenção nefasta	Algo deve estar errado	Vítima perseguida	Imune a evidências	Reinterpretação da aleatoriedade

## Contradição

Os teóricos da conspiração podem acreditar simultaneamente em ideias que sejam mutuamente contraditórias. Acreditar, por exemplo, na teoria de que a Princesa Diana foi assassinada, aceitando ao mesmo tempo que ela forjou a própria morte.<sup>30</sup> Isso ocorre porque o comprometimento dos teóricos com a descrença na narrativa "oficial" é tão absoluto, que não importa se o sistema de crenças é incoerente.

## Suspeita absoluta

O pensamento conspiratório envolve um grau niilista de ceticismo em relação à narrativa oficial.<sup>31</sup> Esse nível extremo de desconfiança impede que se acredite em qualquer coisa que não se encaixe na teoria da conspiração.

## Intenção nefasta

As motivações por trás de qualquer suposta conspiração são, invariavelmente, consideradas nefastas.<sup>31</sup> As teorias da conspiração nunca presumem que os supostos conspiradores tenham boas intenções.



## Algo deve estar errado

Apesar de os teóricos da conspiração ocasionalmente abandonarem ideias específicas quando elas se tornam insustentáveis, essas revisões não mudam as conclusões gerais de que “algo deve estar errado” e de que a narrativa oficial se baseia em uma fraude.<sup>24,30</sup>



## Vítima perseguida

Os teóricos da conspiração se apresentam e enxergam a si mesmos como vítimas de uma perseguição organizada.<sup>29</sup> Ao mesmo tempo, eles se consideram adversários corajosos enfrentando conspiradores vilanescos. O pensamento conspiratório envolve a autopercepção de vítima e de herói simultaneamente.



## Imune a evidências

As teorias da conspiração são inerentemente autoajustáveis—uma evidência que contrarie uma teoria é reinterpretada como se ela fosse parte da conspiração.<sup>31,32,33</sup> Isso reflete a crença de que quanto mais forte for a evidência contra uma conspiração (ex.: o FBI absolvendo um político de alegações sobre o uso indevido de um servidor de email pessoal), mais os conspiradores se esforçarão para que as pessoas acreditem em sua versão dos eventos (ex.: o FBI era parte da conspiração para proteger o político).



## Reinterpretação da aleatoriedade

A suspeita absoluta encontrada no pensamento conspiratório resulta, frequentemente, na crença de que nada acontece por acaso.<sup>34</sup> Pequenos eventos aleatórios, como as janelas do Pentágono intactas após os ataques de 11 de setembro, são reinterpretados como se fossem parte da conspiração (se um avião tivesse atingido o Pentágono, todas as janelas teriam se quebrado<sup>35</sup>) e são adicionados a uma narrativa ampla e interconectada.

A natureza autoajustável das teorias conspiratórias indica que qualquer evidência que questione uma teoria poderá ser interpretada como uma futura evidência da conspiração. Isso significa que iniciativas comunicacionais precisam distinguir claramente os diferentes públicos-alvo. Se os teóricos da conspiração reinterpretam evidências para afirmar ideias opostas, então eles precisam de uma estratégia diferente da utilizada com o público que valoriza evidências. As páginas seguintes apresentam estratégias de comunicação voltadas para o público em geral e, na sequência, trazem estratégias específicas para os teóricos da conspiração.



# Protegendo o público de teorias da conspiração

## Reduzindo a difusão de teorias da conspiração

Um grama de prevenção vale mais do que um quilo de cura. Os esforços deveriam, portanto, focar na proteção do público em relação à exposição a essas teorias, inibindo ou desacelerando a difusão de teorias conspiratórias. Por exemplo, o compartilhamento de publicações de Facebook com conteúdo conspiratório e negacionista relacionado a mudanças climáticas foi reduzido por meio de uma intervenção simples, que encorajou as pessoas a responderem quatro perguntas sobre o material antes de compartilhá-lo.<sup>36</sup>

*Eu conheço o jornal que publicou a história?*

*As informações da publicação parecem confiáveis?*

*A publicação foi escrita em um estilo que eu encontraria em um jornal profissional?*

*A publicação tem motivação política?*

Quando os esforços para conter a disseminação de uma conspiração falham, os comunicadores precisam recorrer a estratégias que reduzam o impacto das teorias conspiratórias.



## Pré-desmistificação

Se as pessoas são preventivamente alertadas sobre a possibilidade de serem enganadas, elas podem se tornar resilientes em relação a mensagens conspiratórias. Esse processo é conhecido como inoculação ou pré-desmistificação. A inoculação possui dois elementos: um aviso explícito sobre a ameaça iminente de ser enganado e a contestação dos argumentos da desinformação. Pré-desmistificações de teorias conspiratórias antivacinação têm se revelado mais efetivas do que desmistificações.<sup>37</sup>

Inoculações baseadas em fatos e em lógica obtiveram mais sucesso em pré-desmistificar a conspiração do 11 de setembro.<sup>38</sup> Isso indica o potencial da pré-desmistificação baseada em lógica, considerando os sete sinais que indicam o pensamento conspiratório (você se lembra do CONSPIR?). Se as pessoas são alertadas sobre o raciocínio falho encontrado em teorias da conspiração, elas podem se tornar menos vulneráveis a essas teorias.

*Se as pessoas são conscientizadas sobre o raciocínio falho encontrado em teorias conspiratórias, elas podem se tornar menos vulneráveis a essas teorias.*



## Desmistificação

Há várias formas de desmistificar teorias da conspiração, algumas têm demonstrado eficácia com pessoas que dificilmente apoiariam teorias da conspiração, tais como estudantes universitários ou o público em geral.

### Desmistificação baseada em fatos

A desmistificação baseada em fatos indica que uma teoria da conspiração é falsa por meio da comunicação de informações precisas. Essa abordagem tem sido eficaz em desmistificar a conspiração que defende que Barack Obama nasceu fora dos Estados Unidos,<sup>21</sup> assim como teorias conspiratórias relacionadas ao êxodo palestino durante o estabelecimento de Israel.<sup>39</sup>

### Desmistificação baseada em fontes e em empatia

A desmistificação baseada em fontes tenta reduzir a credibilidade dos teóricos da conspiração enquanto a desmistificação baseada em empatia compassivamente chama atenção para os alvos das teorias conspiratórias. Uma desmistificação baseada em fontes que ridicularizava pessoas que acreditam em homens-lagartos foi tão efetiva quanto uma desmistificação baseada em fatos. Por outro lado, uma desmistificação baseada em empatia não obteve sucesso em relação a teorias conspiratórias anti-semitas que argumentam que os judeus enfrentam perseguições similares às sofridas pelos primeiros cristãos.<sup>41</sup>

### Desmistificação baseada em lógica

A desmistificação baseada em lógica explica as técnicas enganosas ou o raciocínio falho das teorias da conspiração. Explicar as falácias lógicas das conspirações antivacinação tem sido uma medida tão efetiva quanto a desmistificação baseada em fatos: apontar que muitas das pesquisas sobre vacinação têm sido realizadas por cientistas independentes e financiadas publicamente pode ser uma forma de desacreditar teorias conspiratórias sobre a indústria farmacêutica, por exemplo.<sup>40</sup>

### Links para serviços de checagem

Os links para um site de checagem presentes em uma simulação de feed do Facebook, via apresentação algorítmica automática ou a partir de correções geradas por usuários, combateram efetivamente uma conspiração de que o vírus Zika seria disseminado por mosquitos geneticamente modificados.<sup>42</sup>

## Empoderando pessoas

O pensamento conspiratório está associado à sensação de perda de controle e à percepção de ameaça.<sup>6,7</sup> Quando as pessoas sentem que perderam o controle de uma situação, suas tendências conspiratórias aumentam.<sup>43</sup> No entanto, o oposto também acontece. Quando as pessoas se sentem empoderadas, elas são mais resilientes a teorias conspiratórias.

Há diversas formas de empoderar alguém "cognitivamente", tais como encorajando as pessoas a pensarem analiticamente em vez de confiarem na própria intuição.<sup>44</sup> Se o senso de controle das pessoas estiver preparado (ex.: lembrando uma experiência pessoal em que elas tiveram o controle da situação), elas ficarão menos suscetíveis a apoiar teorias conspiratórias.<sup>45</sup> A percepção geral de empoderamento pode ser induzida por meio da garantia de que decisões sociais do governo, por exemplo, sejam vistas como baseadas nos princípios de justiça processual.<sup>46</sup> A justiça processual é percebida quando se acredita que as autoridades usam procedimentos justos para tomadas de decisão. As pessoas aceitam os resultados desfavoráveis de uma decisão quando elas acreditam que a justiça processual foi obedecida.<sup>47,48</sup>

# Como falar com um teórico da conspiração

Enquanto a desmistificação de teorias conspiratórias pode ser uma medida efetiva para o público geral, a tarefa se torna muito mais desafiadora quando envolve pessoas que acreditam em teorias da conspiração. Em vez de basear suas crenças em evidências externas, o sistema de crenças do teórico da conspiração parte principalmente de si mesmo e cada crença funciona como evidência para outras crenças.<sup>49</sup> Como consequência, quando teóricos da conspiração encontram desmistificações no Facebook, eles acabam comentando e curtindo ainda mais conteúdos conspiratórios dentro de suas câmaras de eco—a desmistificação aumenta as interações conspiratórias.<sup>50</sup>

Teóricos da conspiração também têm uma influência desproporcional, apesar de seu número limitado. Uma análise de mais de 2 milhões de comentários presentes no fórum "conspiração" do Reddit descobriu que apesar de somente 5% dos usuários exibirem pensamento conspiratório, eles foram responsáveis por 64% dos comentários. O autor mais ativo escreveu 896.337 palavras, duas vezes a extensão da trilogia "O Senhor dos Anéis"!<sup>51</sup>

Teorias da conspiração são ingredientes inevitáveis do extremismo político.<sup>52,53</sup> Pesquisas sobre desradicalização fornecem, portanto, informações úteis sobre como potencialmente atingir os teóricos da conspiração.

## Mensageiros confiáveis

Contramensagens (mensagens anticonspiração) criadas por ex-membros de uma comunidade extremista foram mais bem avaliadas e foram lembradas por mais tempo do que mensagens de outras fontes.<sup>54</sup>

## Demonstre empatia

As abordagens devem ser empáticas e devem tentar construir um entendimento entre os envolvidos. Como o objetivo da intervenção é fazer com que os teóricos da conspiração abram a mente, os comunicadores precisam dar o exemplo.<sup>55</sup>

## Reitere o pensamento crítico

Os teóricos da conspiração percebem a si mesmos como pessoas críticas que não se deixam enganar por uma narrativa oficial. É possível tirar proveito dessa percepção ao reafirmar o valor do pensamento crítico, direcionando essa abordagem para uma análise mais crítica da teoria da conspiração.<sup>56</sup>

## Evite a ridicularização

Desconstruir ideias agressivamente, ridicularizar uma teoria da conspiração ou focar em "ganhar" uma discussão criam o risco de rejeição automática.<sup>54</sup> Note, no entanto, que a ridicularização tem se mostrado efetiva com o público em geral.<sup>41</sup>

## Mensagem final de cautela

Analise o objetivo da mensagem antes de tentar uma desmistificação. As tentativas do governo americano de desmistificar teorias conspiratórias têm produzido repetidos efeitos negativos em países predominantemente muçulmanos. Um exemplo disso foi a tentativa fracassada de culpar o Iraque, em função do histórico de ocupação do país, pela ausência de armas de destruição em massa após a invasão de 2003. Uma abordagem mais produtiva teria sido focar na ausência de informações adequadas da agência de inteligência americana.<sup>57</sup>

Também é importante lembrar que conspirações reais existem, mas os mecanismos do pensamento conspiratório (CONSPIR) não são o melhor modo de descobrir conspirações legítimas. Em vez disso, o pensamento convencional, que valoriza o ceticismo saudável, evidências e coerência, possui os ingredientes necessários para identificar tentativas reais de enganar o público.

# Referências

- Laine, E. E., & Parakkal, R. (2017). National security, personal insecurity, and political conspiracies: The persistence of Americans' beliefs in 9/11 conspiracy theories. *IUP Journal of International Relations*, 11(3), 16–41.
- CBS poll (2009). <https://www.cbsnews.com/news/cbs-poll-jfk-conspiracy-lives/>
- Jolley, D., & Douglas, K. M. (2013). The social consequences of conspiracism: Exposure to conspiracy theories decreases intentions to engage in politics and to reduce one's carbon footprint. *British Journal of Psychology*, 105, 35–56. doi:10.1111/bjop.12018
- Lewandowsky, S., Lloyd, E. A., & Brophy, S. (2018). When THUNCGing Trumps thinking: What distant alternative worlds can tell us about the real world. *Argumenta*, 3, 217–231. doi:10.23811/52.arg2017.lew.llo.bro
- Douglas, K., Sutton, R., Cichocka, A., Ang, J., Deravi, F., Uscinski, J., & Nefes, T. (2019). Why do people adopt conspiracy theories, how are they communicated, and what are their risks? Centre for Research; Evidence on Security Threats. Retrieved from <https://crestresearch.ac.uk/resources/conspiracy-theories-douglas-full-report/>
- Uscinski, J. E., & Parent, J. M. (2014). *American conspiracy theories*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Nefes, T. S. (2014). Rationale of conspiracy theorizing: Who shot the president Chen Shui-bian? *Rationality and Society*, 26, 373–394. doi:10.1177/1043463113519069
- Franks, B., Bangertner, A., & Bauer, M. W. (2013). Conspiracy theories as quasi-religious mentality: An integrated account from cognitive science, social representations theory, and frame theory. *Frontiers in Psychology*, 4. doi:10.3389/fpsyg.2013.00424
- Leman, P. J., & Cinnirella, M. (2007). A major event has a major cause: Evidence for the role of heuristics in reasoning about conspiracy theories. *Social Psychological Review*, 9, 18–28.
- Kovic, M., & Fuchslin, T. (2018). Probability and conspiratorial thinking. *Applied Cognitive Psychology*, 32, 390–400. doi:10.1002/acp.3408
- Sapountzis, A., & Condor, S. (2013). Conspiracy accounts as intergroup theories: Challenging dominant understandings of social power and political legitimacy. *Political Psychology*, 34, 731–752. doi:10.1111/pops.12015
- Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31, 211–36. doi:10.1257/jep.31.2.211
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359, 1146–1151. doi:10.1126/science.aap9559
- Shao, C., Ciampaglia, G. L., Varol, O., Yang, K.-C., Flammini, A., & Menczer, F. (2018). The spread of low-credibility content by social bots. *Nature Communications*, 9, 4787. doi:10.1038/s41467-018-06930-7
- Bessi, A., Coletto, M., Devescusi, G. A., Scala, A., Caldarelli, G., & Quattrociocchi, W. (2015). Science vs conspiracy: Collective narratives in the age of misinformation. *PLOS ONE*, 10, e0118093. doi:10.1371/journal.pone.0118093
- Wood, M. J. (2018). Propagating and debunking conspiracy theories on Twitter during the 2015–2016 Zika virus outbreak. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 21, 485–490. doi:10.1089/cyber.2017.0669
- Einstein, K. L., & Glick, D. M. (2015). Do I think BLS data are BS? The consequences of conspiracy theories. *Political Behavior*, 37, 679–701. doi:10.1007/s11109-014-9287-z
- Jolley, D., Meleady, R., & Douglas, K. M. (2019). Exposure to intergroup conspiracy theories promotes prejudice which spreads across groups. *British Journal of Psychology*. doi:10.1111/bjop.12385
- Raab, M. H., Auer, N., Ortlieb, S. A., & Carbon, C.-C. (2013). The Sarrazin effect: The presence of absurd statements in conspiracy theories makes canonical information less plausible. *Frontiers in Psychology*, 4, 453. doi:10.3389/fpsyg.2013.00453
- van der Linden, S. (2015). The conspiracy-effect: Exposure to conspiracy theories (about global warming) decreases pro-social behavior and science acceptance. *Personality and Individual Differences*, 87, 171–173. doi:10.1016/j.paid.2015.07.045
- Warner, B. R., & Neville-Shepard, R. (2014). Echoes of a conspiracy: Birthers, truthers, and the cultivation of extremism. *Communication Quarterly*, 62, 1–17. doi:10.1080/01463373.2013.822407
- Avramov, K. (2018). By another way of deception: The use of conspiracy theories as a foreign policy tool in the arsenal of the hybrid warfare. *Information & Security: An International Journal*, 39, 151–161. doi:10.11610/isij.3913
- Yablokov, I. (2015). Conspiracy theories as a Russian public diplomacy tool: The case of Russia Today (RT). *Politics*, 35, 301–315. doi:10.1111/1467-9256.12097
- Lewandowsky, S., Cook, J., & Lloyd, E. (2016). The "Alice in Wonderland" mechanics of the rejection of (climate) science: Simulating coherence by conspiracism. *Synthese*, 195, 175–196. doi:10.1007/s11229-016-1198-6
- Lewandowsky, S. (2020). Hannah Arendt and the contemporary social construction of conspiracy theorists. Manuscript Submitted for Publication.
- Uscinski, J. E., Douglas, K., & Lewandowsky, S. (2017). *Climate Change Conspiracy Theories*. Oxford Encyclopedia of Climate Change. doi:10.1093/acrefore/9780190228620.013.328
- Smith, N., & Leiserowitz, A. (2012). The rise of global warming skepticism: Exploring affective image associations in the United States over time. *Risk Analysis: An International Journal*, 32(6), 1021–1032.
- Lewandowsky, S., Gignac, G. E., & Oberauer, K. (2013). The role of conspiracist ideation and worldviews in predicting rejection of science. *PLOS ONE*, 8, e75637. doi:10.1371/journal.pone.0075637
- Lewandowsky, S., Cook, J., Oberauer, K., Brophy, S., Lloyd, E. A., & Marriott, M. (2015). Recurrent fury: Conspiratorial discourse in the blogosphere triggered by research on the role of conspiracist ideation in climate denial. *Journal of Social and Political Psychology*, 3, 142–178. doi:10.1093/eurpub/ckn139
- Wood, M. J., Douglas, K. M., & Sutton, R. M. (2012). Dead and alive: Beliefs in contradictory conspiracy theories. *Social Psychological and Personality Science*, 3, 767–773. doi:10.1177/1948550611434786
- Keeley, B. L. (1999). Of conspiracy theories. *The Journal of Philosophy*, 96, 109–126. doi:10.2307/2564659
- Bale, J. M. (2007). Political paranoia v. political realism: On distinguishing between bogus conspiracy theories and genuine conspiratorial politics. *Patterns of Prejudice*, 41, 45–60. doi:10.1080/00313220601118751
- Sunstein, C. R., & Vermeule, A. (2009). Conspiracy theories: Causes and cures. *Journal of Political Philosophy*, 17, 202–227. doi:10.1111/j.1467-9760.2008.00325.x
- Barkun, M. (2003). *A culture of conspiracy: Apocalyptic visions in contemporary America*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Swami, V., Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2010). Unanswered questions: A preliminary investigation of personality and individual difference predictors of 9/11 conspiracist beliefs. *Applied Cognitive Psychology*, 24(6), 749–761.
- Lutzke, L., Drummond, C., Slovic, P., & Árvai, J. (2019). Priming critical thinking: Simple interventions limit the influence of fake news about climate change on Facebook. *Global Environmental Change*, 58, 101964. doi:10.1016/j.gloenvcha.2019.101964
- Jolley, D., & Douglas, K. M. (2017). Prevention is better than cure: Addressing anti-vaccine conspiracy theories. *Journal of Applied Social Psychology*, 47, 459–469. doi:10.1111/jasp.12453
- Banas, J. A., & Miller, G. (2013). Inducing resistance to conspiracy theory propaganda: Testing inoculation and metainoculation strategies. *Human Communication Research*, 39, 184–207. doi:10.1111/hcre.12000
- Nyhan, B., & Zeitzoff, T. (2017). Fighting the past: Perceptions of control, historical misperceptions, and corrective information in the Israeli-Palestinian conflict. *Political Psychology*, 39, 611–630. doi:10.1111/pops.12449
- Schmid, P., & Betsch, C. (2019). Effective strategies for rebutting science denialism in public discussions. *Nature Human Behavior*, 3, 931–939. doi:10.1038/s41562-019-0632-4
- Orosz, G., Krekó, P., Paskuj, B., Tóth-Király, I., Böthe, B., & Roland-Lévy, C. (2016). Changing conspiracy beliefs through rationality and ridiculing. *Frontiers in Psychology*, 7, 1525. doi:10.3389/fpsyg.2016.01525
- Bode, L., & Vraga, E. K. (2018). See something, say something: Correction of global health misinformation on social media. *Health Communication*, 33, 1131–1140. doi:10.1080/10410236.2017.1331312
- Whitson, J. A., & Galinsky, A. D. (2008). Lacking control increases illusory pattern perception. *Science*, 322, 115–117. doi:10.1126/science.1159845
- Swami, V., Voracek, M., Stieger, S., Tran, U. S., & Furnham, A. (2014). Analytic thinking reduces belief in conspiracy theories. *Cognition*, 133, 572–585. doi:10.1016/j.cognition.2014.08.006
- van Prooijen, J., & Acker, M. (2015). The influence of control on belief in conspiracy theories: Conceptual and applied extensions. *Applied Cognitive Psychology*, 29, 753–761. doi:10.1002/acp.3161
- van Prooijen, J.-W. (2018). Empowerment as a tool to reduce belief in conspiracy theories. In *Conspiracy theories and the people who believe them* (pp. 432–442). Oxford University Press. doi:10.1093/oso/9780190844073.003.0030
- Quintanilla, V. D., & Yontz, M. A. (2018). Human-Centered Civil Justice Design: Procedural Justice and Process Value Pluralism. *Tulsa L. Rev.*, 54, 113.
- Tyler, T. R. (1987). Conditions leading to value-expressive effects in judgments of procedural justice: A test of four models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 333–344. doi:10.1037/0022-3514.52.2.333
- Goertzel, T. (1994). Belief in conspiracy theories. *Political Psychology*, 15, 731–742. doi:10.2307/3791630
- Zollo, F., Bessi, A., Del Vicario, M., Scala, A., Caldarelli, G., Shekhtman, K., Havlin, S., Quattrociocchi, W. (2017). Debunking in a world of tribes. *PLOS ONE*, 12, e0181821. doi:10.1371/journal.pone.0181821
- Klein, C., Clutton, P., & Polito, V. (2018). Topic modeling reveals distinct interests within an online conspiracy forum. *Frontiers in Psychology*, 9. doi:10.3389/fpsyg.2018.00189
- Kundnani, A. (2012). Blind spot—security narratives and far-right violence. *Security and Human Rights*, 23, 129–146.
- van Prooijen, J.-W., Krouwel, A. P. M., & Pollet, T. V. (2015). Political extremism predicts belief in conspiracy theories. *Social Psychological and Personality Science*, 6, 570–578. doi:10.1177/1948550614567356
- Schmitt, J. B., Rieger, D., Ernst, J., & Roth, H.-J. (2018). Critical media literacy and Islamist online propaganda: The feasibility, applicability and impact of three learning arrangements. *International Journal of Conflict and Violence*, 12, 1–19. doi:10.4119/UNIBI/ijcv.642
- Ponsot, A. S., Autixier, C., & Madriaza, P. (2018). Factors facilitating the successful implementation of a prevention of violent radicalization intervention as identified by front-line practitioners. *Journal for Deradicalization*, 1(6), 1–33.
- Voogt, S. (2017). Countering far-right recruitment online: CAPE's practitioner experience. *Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism*, 12, 34–46. doi:10.1080/18335330.2016.1215510
- Aistrophe, T. (2016). *Conspiracy theory and American foreign policy*. Manchester University Press. doi:10.7228/manchester/9780719099199.001.0001

“As teorias conspiratórias tentam explicar os eventos como se eles fossem conspirações secretas de pessoas poderosas. Apesar de essas teorias normalmente não se basearem em evidências, isso não impede que elas ganhem projeção. As teorias da conspiração prejudicam a sociedade de diferentes formas. Para ajudar a minimizar essas consequências, o **Manual das Teorias da Conspiração** explica por que essas teorias são tão populares, como identificar os sinais do pensamento conspiratório e quais são as estratégias mais efetivas para responder a esse problema.

